

## Médiuns famosos do passado

### Primeira Parte

Não é possível, num pequeno artigo como este, apresentarmos todos os médiuns famosos que apareceram na face da Terra, em diferentes épocas. Daí, porque nos propusemos a falar apenas sobre alguns dos que mais se evidenciaram pelas faculdades que possuíam. E, dentre estes, colocamos, em primeiro lugar o grande vidente sueco, Emmanuel Swedenborg, que pelas suas preciosas faculdades mediúnicas pode ser considerado, no dizer de Conan Doyle, o "pai dos fenômenos supranormais".

#### **Emanuel Swedenborg**

O imortal escritor inglês, em seu livro História do Espiritismo, diz que, para se "compreender completamente um Swedenborg é preciso possuir-se um cérebro de Swedenborg; e isto não se encontra em cada século".

O médium era engenheiro de minas e grande autoridade em Física e Astronomia, tendo publicado, também, vários trabalhos sobre as marés e sobre a determinação das latitudes. Foi, ainda, financista e político, além de apaixonado estudioso da Bíblia.

Aos vinte e cinco anos de idade ocorreu seu desenvolvimento psíquico, mas desde menino já tinha visões.

Conta-se que, por ocasião de um jantar, onde se encontravam cerca de dezesseis pessoas, Swedenborg, pela sua clarividência a distância, observou e descreveu um incêndio em Estocolmo, a trezentas milhas de Gothenburg, onde se realizava o jantar.

Somente em 1744 é que desabrocharam suas forças latentes, quando se achava em Londres.

"Na mesma noite, o mundo dos espíritos do céu e do inferno abriu-se convincentemente para mim, e aí encontrei muitas pessoas de meu conhecimento e de todas as condições. Desde então, diariamente, o Senhor abriu os olhos de meu espírito para ver, perfeitamente de perto, o que se passava no outro mundo e para conversar, em plena consciência, com anjos e espíritos", diz ele.

Conan Doyle, na sua obra já citada, expõe os principais fatos por ele descritos, que vamos transcrever, pois julgamos de grande valia para nossos leitores, uma vez que os mesmos muito se assemelham às narrativas de André Luiz, recebidas pelo canal mediúnico de Chico Xavier. Vejamos:

"Verificou que o outro mundo, para onde vamos após a morte, consiste de várias esferas, representando outros tantos graus de luminosidade e de felicidade; cada um de nós irá para aquela a que se adapta a nossa condição espiritual. Somos julgados automaticamente, por uma lei espiritual das similitudes; o resultado é determinado pelo resultado global de nossa vida, de modo que a absolvição ou o arrependimento no leito da morte têm pouco proveito.

Nessas esferas, verificou que o cenário e as condições deste mundo eram reproduzidas fielmente, do mesmo modo que a estrutura da sociedade. Viu casas onde viviam famílias, templos onde praticavam o culto, auditórios onde se reuniam para fins sociais e palácios onde deviam morar os chefes.

A morte era suave, dada a presença de seres celestiais que ajudavam os recém-chegados na sua nova existência. Esses recém-vindos passavam imediatamente por um período de absoluto repouso. Reconquistavam a consciência em poucos dias, segundo a nossa contagem.

Havia anjos e demônios, mas não eram de ordem diversa da nossa: eram seres humanos, que tinham vivido na Terra e que, ou eram almas retardatárias, como demônios, ou altamente desenvolvidas, como anjos.

De modo algum mudamos com a morte. O homem nada perde pela morte; sob todos os pontos de vista é ainda um homem, conquanto mais perfeito do que quando na matéria. Levou consigo não só suas forças, mas seus hábitos mentais adquiridos, suas preocupações, seus preconceitos.

Todas as crianças eram recebidas igualmente, fossem ou não batizadas. Cresciam no outro mundo; jovens lhe serviam de mães, até que chegassem as mães verdadeiras.

Não havia penas eternas. Os que se achavam nos infernos podiam trabalhar para sua saída, desde que sentissem vontade. Os que se achavam no céu não tinham lugar permanente: trabalhavam por uma posição mais elevada.

Havia o casamento sob a forma de união espiritual no mundo próximo, onde um homem e uma mulher constituíam uma unidade completa (é de notar-se que Swedenborg jamais se casou).

Não haviam detalhes insignificantes para sua observação no mundo espiritual. Fala de arquitetura, de artesanato, das flores, dos frutos, dos bordados, da arte, da música, da leitura, da ciência, das escolas, dos museus, das academias, das bibliotecas e dos esportes. Tudo isso pode chocar as inteligências convencionais, conquanto se possa perguntar por que toleramos coroas e tronos e negamos outras coisas menos materiais.

Os que saíram deste mundo, velhos, decrepitos, doentes ou deformados, recuperavam a mocidade e, gradativamente, o completo vigor. Os casais continuavam juntos, se os seus sentimentos recíprocos os atraíam. Caso contrário, era desfeita a união. Dois amantes verdadeiros não são separados pela morte, de vez que o espírito do morto habita com o sobrevivente, até a morte deste último, quando se encontram e se unem, amando-se mais ternamente do que antes."

Com estas citações, acreditamos haver dado ligeira noção sobre os ensinamentos de Swedenborg, porém, quem desejar beber mais ensinamentos encontrará amplo material em suas obras Céu e Inferno, A nova Jerusalém e Arcana Coelestia.

**Andrew Jackson Davis**

Este homem deve figurar entre nós como um dos maiores médiuns da sua época, não só pelos fenômenos que produzia, como também pela sua obra no campo da literatura.

Nasceu no dia 11 de agosto de 1826, nas margens do rio Hudson, nos Estados Unidos, e desencarnou em 1910, com a idade de 84 anos.

Jackson Davis descendia de família humilde. Sua faculdade mediúnica desabrochou quando tinha apenas 17 anos. Primeiro, desenvolveu a clariaudiência. Ouvia vozes que lhe davam bons conselhos. Depois, surgiu a clarividência, tendo notável visão quando sua mãe morreu. Viu ele uma belíssima região muito brilhante, que supôs fosse o lugar para onde teria ido sua mãe. Mais tarde, manifestou-se outra faculdade muito interessante e muito rara: a de ver e descrever o corpo humano, que se tornava transparente aos seus olhos espirituais. Ele dizia que cada órgão do corpo parecia claro e transparente, mas se tornava escuro quando apresentava enfermidade.

Não é de se admirar que Davis descrevesse a constituição anatômica do ser humano, pois já Hipócrates, o "pai da Medicina", dizia: "A alma vê de olhos fechados as afecções sofridas pelo corpo".

Na tarde de 6 de março de 1844, deu-se com Davis um dos mais extraordinários fenômenos: o de transporte. Ele foi tomado por uma força estranha que o fez voar da cidade de Poughkeepsie a Catskill, cerca de quarenta milhas de distância.

Naquela época, não se sabia explicar esse fenômeno, porquanto os fatos dessa natureza ainda eram desconhecidos.

Para nós, espíritas, o papel representado por Jackson Davis é de grande importância, pois começou a preparar o terreno para os grandes acontecimentos na época em que Kardec codificava o espiritismo.

Em suas visões espirituais viu quase tudo o que Swedenborg descreveu sobre o plano espiritual (abramos aqui um parêntese para dizer que, por ocasião do seu transporte às montanhas de Catskill, identificou Galeno e Swedenborg como seus mentores espirituais).

Em seu caderno de notas, encontrou-se a seguinte passagem, datada de 31 de março de 1848:

"Esta madrugada, um sopro quente passou pela minha face e ouvi uma voz, suave e forte, a dizer: irmão, um bom trabalho foi começado – olha! surgiu uma demonstração viva. Fiquei pensando o que queria dizer aquela mensagem."

Ao que parece, este aviso fazia menção aos fenômenos de Hydesville, pois foi exatamente nessa data, numa sexta-feira, que se estabeleceu o início da telegrafia espiritual, através da menina Kate Fox.

### **Daniel Dunglas Home**

Descendente de uma nobre família da Escócia, nascia, no dia 15 de março de 1833, em Currie, perto de Edimburgo, o maior médium de efeitos físicos do século passado – Daniel Dunglas Home.

Aos nove anos de idade, Home partiu para os Estados Unidos em companhia de uma tia que o adotara. Quando tinha treze anos, manifestou-se nele extraordinária faculdade psíquica, tendo previsto a desencarnação de um amigo da família.

Conta-se que Home fizera um pacto com um colega de nome Edwin, para que o primeiro a desencarnar viesse mostrar-se ao outro. Um mês após haver se mudado para outro distrito, quando foi para cama, teve a visão de Edwin, que desencarnara e viera cumprir o pacto, cuja confirmação recebeu dois ou três dias depois.

Em 1850, teve uma segunda visão; esta, sobre a morte de sua mãe, que vivia na América do Norte. Em seguida, começaram a produzir-se os mais variados fenômenos, tais como fortes batidas nos móveis, transporte de objetos e outros raps que inquietaram o lar de sua tia, com quem morava, ao ponto de esta afirmar que o rapaz havia trazido o diabo para sua casa.

Esses fenômenos tiveram grande repercussão em toda a América, tendo sido organizada, em 1852, uma Comissão da Universidade de Harvard para visitar o médium, comissão essa que lavrou ata afirmando a exatidão dos fatos verificados durante as experiências com ele realizadas.

Tamanha era sua força que, em todas as casas onde se hospedava realizava sessões diárias, o que lhe produzia grande esgotamento.

Em 1855, Home transportou-se para a Europa, ocasião em que foram realizadas, com ele, várias experiências perante o Imperador Napoleão III. Durante essas experiências, obteve-se uma prova concreta da assinatura de Napoleão Bonaparte, com a presença da Imperatriz Eugênia, cujo fato aumentou grandemente sua fama.

Home jamais mercadejou seus preciosos dons mediúnicos. Teve inúmeras oportunidades, mas sempre recusou. Dizia ele: "Fui mandado em missão. Essa missão é demonstrar a imortalidade. Nunca recebi dinheiro por isso e jamais o receberei".

Home, como se vê, possuía várias faculdades, dentre elas, a de levitação, fenômeno esse inúmeras vezes constatado por cientistas da época.

Como todo médium, Home foi caluniado e ferido em sua dignidade, mas nunca lhe faltou nas horas mais difíceis o amparo de seus mentores espirituais.

Allan Kardec, através das colunas da Revue Spirite, o defende, dizendo:

"Dotado de excessiva modéstia, jamais fez praça de sua maravilhosa faculdade; jamais fala de si mesmo e se, numa expansão de intimidade, conta casos pessoais, fá-lo com simplicidade e jamais com a ênfase própria das criaturas com as quais a malevolência procura compará-lo."

Sobre sua missão, disse Kardec:

"Foi uma missão que aceitou; missão não isenta de tribulação nem de perigos, mas que realiza com resignação e perseverança, sob a égide do Espírito de sua mãe, seu verdadeiro anjo da guarda."

## **Eusápia Paladino**

Eusápia Paladino foi a primeira médium de efeitos físicos a ser submetida a experiências pelos cientistas da época, tais como César Lombroso, Alexandre Aksakof, Charles Richet e muitos outros.

Nasceu em Nápoles, Itália, em 31 de janeiro de 1854, e desencarnou em 1918, com a idade de sessenta e quatro anos.

Sua mãe morreu quando ela nasceu, e o pai, quando ela alcançou a idade de doze anos.

As primeiras manifestações de sua mediunidade consistiram no movimento e levitação de objetos, quando ainda era muito jovem (tinha apenas quatorze anos). Esses fenômenos eram espontâneos e se verificavam na casa de um amigo com quem morava. Somente aos vinte e três anos é que, graças a um espírita convicto, Signor Damiani, ela conheceu o espiritismo.

Por volta do ano 1888 Eusápia tornou-se conhecida no mundo científico, em virtude de uma carta do prof. Ércole Chiaia enviada ao criminalista César Lombroso, relatando detalhadamente as experiências já realizadas por ele com a médium, carta essa publicada no jornal *Il Fanfulla* dela Domênica.

Entre outras coisas, dizia o missivista:

"A doente é uma mulherzinha de modestíssima condição social, com cerca de trinta anos, robusta, iletrada e cujo passado, porque vulgaríssimo, não merece ser esquadrihado; que nada apresenta de notável, a não ser as pupilas de fascinante brilho e essa potencialidade que os criminalistas diriam irresistível."

Em outro trecho da carta, diz:

"Quando quiserdes, essa mulherzinha será capaz de, encerrada numa sala, divertir durante horas, por meio de surpreendentes fenômenos, todo um grupo de curiosos mais ou menos céticos, ou mais ou menos acomodáticos".

Através dessa carta, convidava, também, o célebre alienista, a investigar diretamente os fenômenos por ele constatados na médium.

Três anos mais tarde, em 1891, Lombroso aceitou o convite, realizando com Eusápia uma série de sessões. Esses trabalhos foram seguidos pela Comissão de Milão, integrada pelos professores Schiaparelli, diretor do Observatório de Milão; Gerosa, catedrático em física; Ermacora, doutor em Filosofia, de Munique, e o prof. Charles Richet, da Universidade de Paris. Além dessas sessões, muitas outras foram realizadas com a presença de homens de ciência, não só da Europa, como também da América.

Lombroso, diante da evidência dos fatos, converteu-se ao espiritismo, tendo declarado:

"Estou cheio de confusão e lamento haver combatido, com tanta persistência, a possibilidade dos fatos chamados espíritos."

A conversão de Lombroso deveu-se, também, ao fato de o espírito de sua mãe haver-se materializado em uma das sessões realizadas com Eusápia.

Antes de encerrarmos esta ligeira exposição sobre a preciosa mediunidade de Eusápia Paladino, convém citarmos um trecho do relatório apresentado pela Comissão de Milão que diz:

"É impossível dizer o número de vezes que uma mão apareceu e foi tocada por um de nós. Basta dizer que a dúvida já não era possível. Realmente, era uma mão viva que víamos e tocávamos, enquanto, ao mesmo tempo, o busto e os braços da médium estavam visíveis e suas mãos eram seguras pelos que achavam a seu lado."

Como se vê, a comissão que ofereceu este relatório era constituída por homens de ciência, o que não deixa dúvida quanto à veracidade dos fenômenos por eles constatados.

O prof. Charles Richet, em 1894, também realizou várias sessões experimentais em sua própria casa, obtendo levitações parciais e completas da mesa, além de outros fenômenos de efeitos físicos.

Sir Oliver Lodge, prof. de Filosofia Natural do Colégio de Bedford, Catedrático em Física da Universidade de Liverpool, Reitor da Universidade de Birmingham, e que foi, também, por longos anos, presidente da Associação Britânica de Cientistas, após as experiências realizadas com Eusápia apresentou um relatório à Sociedade de Pesquisas da Inglaterra, dizendo, entre outras coisas, o seguinte:

"Qualquer pessoa, sem invencível preconceito, que tenha tido a mesma experiência, terá chegado à mesma larga conclusão, isto é, que atualmente acontecem coisas consideradas impossíveis... O resultado de minha experiência é convencer-me de que certos fenômenos, geralmente considerados anormais, pertencem à ordem natural e, como um corolário disto, que esses fenômenos devem ser investigados e verificados por pessoas e sociedades interessadas no conhecimento da natureza".

Eis aí, em linhas gerais, o que foi a excepcional mediunidade de Eusápia Paladino, figura de destaque na história do espiritismo, que veio à Terra para cumprir a sublime missão de demonstrar a sobrevivência do espírito após a desencarnação.

## **Segunda Parte**

### **Elizabeth d'Esperance**

Elizabeth d'Esperance nasceu em 1849, um ano depois dos fenômenos de Hydesville.

Quando ainda mocinha, apareceu em público, através da apresentação de T. P. Barkas, em New Castle. Barkas organizou uma extensa lista de perguntas referentes aos mais variados setores da ciência, que foram respondidas, rapidamente, pela médium, em inglês, alemão e até mesmo em latim.

Madame d'Esperance, que possuía educação de classe média, quando caía em transe mediúnico, externava admiráveis conhecimentos científicos, muitas vezes abordando assuntos completamente desconhecidos daqueles que a interrogavam. Nesse estado,



desenhava na mais completa escuridão. Mr. Barkas, referindo-se às sessões realizadas com ela, disse:

"Deve ser geralmente admitido que ninguém pode, por um esforço normal, responder com detalhes, a perguntas críticas ou obscuras em muitos setores difíceis da Ciência com que se não é familiarizado. Além disso, deve admitir-se que ninguém pode ver normalmente e desenhar com minuciosa precisão em completa obscuridade; que ninguém pode, por meios normais de visão, ler o conteúdo de uma carta fechada, no escuro; que ninguém, que ignore a língua alemã, possa escrever com rapidez e exatidão longas comunicações em alemão. Entretanto, todos esses fenômenos foram verificados com essa médium e são tão acreditados quanto as ocorrências normais da vida diária."

Madame d'Esperance publicou um livro intitulado *Shadow Land* que, traduzido, significa "Região das Sombras", através do qual relata seus dons mediúnicos. Diz ela que, na sua infância, brincava com espíritos de crianças, como se estes fossem crianças reais. Mais tarde, lhe foi acrescentada a faculdade de materialização, pois ela fornecia, em abundância, o fluido chamado "ectoplasma", que serve para a produção desse fenômeno.

Seu guia espiritual era uma bela moça árabe, que dava o nome de Yolanda. Esse espírito se materializava, constantemente, dada a perfeita afinidade que tinha com a médium. Ela podia ver a forma materializada, conforme descreve em seu livro:

"Sua roupagem leve permitia que se visse muito bem a bela cor azeitonada de seu pescoço, dos ombros, dos braços e dos tornozelos. Os longos cabelos negros e ondulados desciam pelos ombros até abaixo do peito e eram atados por uma espécie de turbante pequenino. Suas feições eram miúdas, corretas e graciosas; os olhos eram negros, grandes e vivos; todos os seus movimentos eram cheios daquelas graças infantis ou como os de uma jovem gazela, quando a vi, tímida e decidida, por entre as cortinas."

Alexandre Aksakoff, no seu livro *Um Caso de Desmaterialização Parcial*, descreve que, em uma sessão realizada com essa médium, viu seu corpo desmaterializar-se, parcialmente.

Muitos outros casos de materialização de objetos foram constatados, entre eles, o caso das vinte e sete rosas descrito por William Oxley, editor da obra *Angelis Revelation*, e mais uma planta rara, em flor. Disse ele sobre o fato:

"Eu tinha fotografado a planta *Ixora Crocata* na manhã seguinte, depois do que trouxe para casa e a coloquei na minha estufa, aos cuidados do jardineiro. Ela viveu três meses, depois murçou. Tomei as folhas, muitas das quais abandonei, exceto a flor e três brotos que o jardineiro cortou, quando cuidava da planta".

Foram também obtidos, graças à preciosa faculdade dessa médium, moldagens em parafina, de mãos e pés, com punhos e tornozelos que, dada a estreiteza dessas partes, não podiam permitir a saída dos membros, a não ser por sua desmaterialização.

Como a maioria dos médiuns de prova, Madame d'Esperance também sofreu muito durante o cumprimento da sua espinhosa missão.

Em um dos trabalhos de materialização realizado na Escandinávia, o espírito Yolanda foi agarrado por um pesquisador menos avisado, com o intuito de desmascarar, tendo a médium sofrido grande choque traumático que lhe produziu sério desequilíbrio orgânico, prostrando-a de cama.

E, para encerrar, citemos mais um trecho do último capítulo do seu livro, que diz:

"Os que vierem depois de mim talvez venham a sofrer quanto eu tenho sofrido pela ignorância das leis de Deus. Quando o mundo for mais sábio do que no passado, é possível que os que tomarem as tarefas na nova geração não tenham que lutar, como lutei, contra o fanatismo estreito e os julgamentos duros dos adversários."

### **William Stainton Moses**

W. Stainton Moses nasceu em 5 de novembro de 1839, em Lincolnshire, na Inglaterra. Fez seus estudos em Bedford Grammar School e no Exeter College de Oxford. Seu pai, William Moses, era reitor da Escola de Gramática.

Durante a vida de estudante, o jovem Moses sempre se destacou pela sua inteligência e aplicação, recebendo de seus professores as melhores referências. Exerceu o ministério religioso como Cura na Ilha de Man. Mais tarde, por motivo de saúde, foi aconselhado a viajar, tendo, na sua volta, passado seis meses no Mosteiro de Monte Athos. Aí, no isolamento e na meditação, manifestaram-se os primeiros sinais de sua mediunidade.

Aos vinte e três anos de idade, Moses volta para Oxford, onde recebe seu diploma, em 1863, continuando, ainda, como Cura, de Man.

A esse tempo, uma forte epidemia de varíola espalhou-se por toda a Ilha, onde não existiam médicos. Ali, "dia e noite estava ele à cabeceira de doentes pobres, por vezes, depois de haver assistido a um moribundo, se via obrigado a unir as tarefas de sacerdote às de cozeiro, e ele próprio a transportar cadáveres".

Retirando-se, depois, daquela Ilha, fixou residência em Londres, onde ingressou no Magistério, tornando-se professor na University College School.

Em 1870, mais ou menos, quando residia na casa do dr. Speer, sua atenção voltou-se para o espiritismo, graças a um livro que a sra. Speer lhe aconselhou a ler, chamado *Debatable Land* (Terra Contestada), de autoria de Robert Dale Owen.

Moses e o dr. Speer travavam constantes discussões em torno da doutrina espírita, notadamente sobre pontos de controvérsias religiosas, pois ambos desejavam provas sobre a imortalidade da alma e, para o dr. Speer, materialista intransigente, o problema parecia de difícil solução. Mas, por outro lado, para Moses, espírito bastante religioso, isso não era impossível e, pensando assim, começou estudar o espiritismo e assistir a sessões mediúnicas.

Nas reuniões realizadas na casa do dr. Speer, Moses começou a receber, pela psicografia, mensagens de três espíritos que davam os nomes Imperador, Doctor e Rector. Ele, entretanto, não aceitava o conteúdo dessas mensagens, uma vez que as suas idéias eram



outras e os ensinamentos contidos estavam em contradição com os da Bíblia. Mesmo assim, sua mediunidade desenvolveu-se, rapidamente, tendo-se manifestado nele quase todos os fenômenos de efeitos físicos então conhecidos. Na sua presença, objetos se movimentavam; livros e cartas eram transportados de uma sala para outra, em plena luz do dia.

Somente em 1872, quando realizava sessões com William e Miss Lottie Fowler é que se operou sua completa conversão ao espiritismo. Seus escritos, com o pseudônimo M. A. Oxon, constituem dois importantes trabalhos publicados sob os títulos: Ensinos Espíritos e Aspectos Superiores do Espiritismo.

Stanton Moses foi, por muito tempo, redator da grande revista Light, da qual foi também diretor.

Devemos acrescentar, ainda, que esse grande baluarte da doutrina espírita foi um dos fundadores da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, inaugurada em 1882. Em 1884, foi eleito presidente da Aliança Espírita de Londres, permanecendo nesse cargo até quando se deu sua desencarnação.

### **William Eglinton**

A história do espiritismo está repleta de grandes médiuns, cada um cumprindo a missão que trouxe do alto, de acordo com o convênio firmado no plano espiritual.

William Eglinton foi um deles. Veio à Terra como os demais missionários do Cristo para servir de intérprete aos espíritos, dando prova de que a vida não se extingue no túmulo: continua no seio da espiritualidade, sempre ascendendo para o alto, em cumprimento aos desígnios do Criador.

Eglinton nasceu em 1857. Quando ainda muito jovem, revelou seu gênio imaginoso, sonhador e sensitivo. Só em 1874, com a idade, portanto, de dezessete anos, é que entrou no grupo da família, onde seu pai investigava os fenômenos espíritos.

No momento em que o rapaz se ligou àquele grupo, a mesa ergueu-se com rapidez, obrigando os assistentes a se porem de pé a fim de manter as mãos sobre ela. Na sessão seguinte, Eglinton caiu em transe mediúnico, recebendo comunicação de sua mãe.

A notícia espalhou-se por toda a parte, tendo ele recebido inúmeros convites para tornar-se médium profissional, o que recusou.

Em 1878, viajou para diversos países, visitando a África do Sul, a Suécia, a Dinamarca e a Alemanha. Em Leipzig, realizou sessões com o professor Zollner, cujos trabalhos foram assistidos por outras figuras de destaque no meios científicos ligados à Universidade.

Em Paris, M. Tissot, famoso artista pintor, assistindo a uma sessão de materialização, com Eglinton, na qual se materializou o espírito de uma senhora reconhecida como parenta, pintou-a numa tela, que intitulou de Aparição Medianímica.

Eglinton costumava realizar as materializações à luz da lua, em estado consciente, tendo as mãos seguradas pelos presentes.

M. W. Harrison, redator do *The Spiritualist*, assistindo a um dos trabalhos de materialização, assim descreve: "Na noite de segunda-feira, última, dez ou doze amigos se reuniram em volta de uma grande mesa circular, com as mãos juntas, em cujas condições o médium W. Eglinton ficava seguro pelos dois lados. Não havia outras pessoas na sala além das que estavam sentadas à mesa. Um fogo, que se apagava, dava uma luz fraca, que apenas permitia se vissem as silhuetas dos objetos. O médium estava na parte da mesa mais próxima do fogo, de modo que suas costas ficavam para a luz. Uma forma, na inteira proporção de um homem, ergueu-se, lentamente, do chão até ao nível da borda da mesa; estava a cerca de trinta centímetros atrás do cotovelo direito do médium. O assistente mais próximo era o sr. Wisemann, de Orne Square, Baywater. A forma estava coberta com um pano branco, e as feições não eram visíveis. Como se achava próximo ao fogo, podia ser vista distintamente pelos que se achavam mais próximos. Foi observado por todos os que assim estavam, que o canto da mesa ou os assistentes não tapavam a vista da forma; assim, foi observada, por quatro ou cinco pessoas e isto não foi resultado de impressões subjetivas. Depois de erguer-se até o nível da mesa, mergulhou e não mais foi vista, ao que parece tendo esgotado as forças. Sr. Eglinton estava numa casa estranha e vestido a rigor. De um modo geral, foi um teste de manifestação, que não podia ser produzido por meios artificiais."

Outra face da mediunidade de Eglinton foi a da pneumatografia, ou seja, a da escrita direta.

Embora tenha ele, por mais de três anos, se esforçado neste sentido, somente em 1884 é que obteve resultados positivos.

As lousas usadas para a obtenção da escrita direta eram do tipo comum, que os assistentes tinham a liberdade de trazer para serem utilizadas. A ardósia era segurada pelo médium e a escrita se produzia dentro de poucos instantes, ouvindo-se, muitas vezes, o ruído do lápis que deslizava, com grande velocidade.

Eram usadas, também, duas lousas do mesmo tamanho, superpostas e amarradas, às quais se ligava um cadeado com chave, a fim de evitar possíveis truques. E as mensagens eram obtidas, graças à faculdade de Eglinton, a quem o mundo muito deve pelo seu notável trabalho de prova da sobrevivência do espírito após a morte do corpo.

### **Charles Foster**

Desde épocas remotas, têm surgido na Terra médiuns dotados das mais variadas faculdades, dependendo da aptidão orgânica de cada um deles. E Charles Foster se inclui no rol daqueles que mais se notabilizaram pela importância do trabalho realizado.

Além de clarividente de grande poder, possuía, Foster, a interessante e raríssima faculdade de exibir na pele, principalmente no antebraço, as iniciais dos nomes dos espíritos que se comunicavam com ele. Esse fenômeno foi severamente examinado por

várias figuras de renome internacional, que não puseram dúvida alguma quanto à veracidade do fato.

Mas, não foram somente a vidência e as letras que se manifestaram em Foster: mantinha ele, também, conversação com entidades desencarnadas, como ocorreu com Cervante, Camões, Virgílio e outros.

Conta-nos sr. George C. Barlett, autor da obra *The Salem Seer* (O Vidente de Salém) que, certa feita, quando se encontrava nos aposentos de Foster, foi por ele acordado, às duas horas da madrugada, dizendo "George, quer fazer o favor de acender o gás? Eu não posso dormir: o quarto está cheio da família de Adams e parece que estão escrevendo seus nomes em mim".

Com efeito, sr. Adams o havia procurado durante o dia anterior para uma consulta, tendo Foster, através da vidência, observado que muitos espíritos ficaram em sua companhia.

E continuando o relato, sr. Barlett conclui, dizendo: "E com grande admiração minha, a lista de nomes da família Adams estava gravada em seu corpo. Conteji onze nomes diferentes: um estava gravado na testa, outros nas costas".

Temos notícia de que esse tipo de fenômeno tem se verificado, constantemente, nas mãos e nos pés das beatas, o que parece ter muita semelhança com o dom das letras que Foster apresentava sobre a pele.

### **Henry Slade**

Henry Slade representou importante papel na história do espiritismo, pelo grande poder mediúnico de que era dotado.

Slade celebrou-se pela escrita na lousa, tendo-se exibido, por muitos anos, na América do Norte, de onde mudou para a Inglaterra, realizando, em Londres, inúmeras sessões desse gênero.

M. J. Enmore Jones, redator do *The Spiritual Magazine* e um dos mais conhecidos pesquisadores do psiquismo, dele, diz o seguinte: "No caso de sr. Home, recusou receber um salário e, via de regra, as sessões eram feitas ao anoitecer, no calmo ambiente familiar. Mas no caso do dr. Slade, elas se realizavam numa pensão. Cobra vinte shillings e prefere que apenas uma pessoa fique na sala que ocupa. Não perde tempo: assim que o visitante se senta, começam os incidentes, continuam e terminam em cerca de quinze minutos."

Slade não só produzia a escrita na lousa, como também provocava outros fenômenos de efeitos físicos tais como o arremesso de objetos, materializações de mãos e a execução musical.

Certa vez, em uma sessão realizada em plena luz do dia, além de ser obtida a escrita na ardósia, foi também executada, ao acordeon, a peça Home, Sweet Home.

Como se vê, Slade era médium dotado de grande poder para a produção de fenômenos de efeitos físicos.

A carreira de Slade, como a da maioria dos médiuns, foi bastante espinhosa. Por acusação de fraude, feita pelo prof. Ray Lankester, foi julgado na Corte de Polícia de Bow Street, perante o juiz Flower. A acusação foi feita pelo sr. George Lewis e a defesa esteve a cargo do sr. Munton.

Sobre a autenticidade dos fenômenos produzidos por Slade, falaram Alfred Russel Wallace, Serjeant Cox, além de outros, que apresentaram provas concretas para a defesa do acusado, mas, mesmo assim, o magistrado, no julgamento, excluiu, dizendo que sua decisão baseava-se em "inferências deduzidas dos conhecidos fatos naturais".

Assim, foi Slade condenado a três meses de prisão, com trabalhos forçados, nos termos da lei. Houve apelo e ele foi solto sob fiança.

Mais tarde, quando foi julgado o apelo, a condenação foi anulada. Henry Slade desencarnou em 1905, num sanatório, em Michigam. Foram inúmeros os comentários feitos pela imprensa londrina a respeito das ocorrências registradas com ele, notadamente sobre a perseguição movida por Ray Lankester, em Bow Street, de que resultou sua condenação.

## **Terceira Parte Final**

### **Irmãos Davenport**

Ira Davenport, nasceu a 17 de setembro de 1839, em Buffalo, New York, e William Henry Davenport, a 1.º de fevereiro de 1841. Pertenciam a uma família descendente de colonizadores ingleses da América do Norte.

Em 1846, manifestou-se a faculdade mediúnica em ambos os irmãos, caracterizando-se por batidas, ruídos, estalos e outros fenômenos, que chamaram a atenção de muitos investigadores da época.

A notícia espalhou-se por toda parte, transformando-se a casa dos Davenport centro de grande atenção de todos os que para ali se dirigiam a fim de assistir aos mais estranhos fenômenos por eles produzidos.

Sobre a faculdade desses dois moços, diz Arthur Conan Doyle, em sua obra História do Espiritismo, o seguinte:

"Os dois rapazes Davenport e sua irmã Elizabeth, a mais moça dos três, experimentaram pondo as mãos sobre a mesa. Ruídos fortes e violentos eram ouvidos e mensagens eram deletreadas. A notícia espalhou-se e, do mesmo modo que com as irmãs Fox, centenas de curiosos e incrédulos se amontoavam na casa. Ira desenvolveu a escrita automática e distribuía entre os presentes mensagens escritas com extraordinária rapidez, contendo informações que ele não podia possuir. Logo se seguiu a levitação e o rapaz era suspenso no ar, por cima das cabeças dos que se achavam na sala, a uma altura de nove pés do solo. Depois, o irmão e a irmã, foram igualmente influenciados e os três flutuavam no alto da

sala. Centenas de cidadãos respeitáveis de Buffalo são citados como tendo presenciado esses fatos. Uma vez, quando a família tomava uma refeição, as facas, os garfos e os pratos dançaram e a mesa foi erguida no ar. Numa sessão, pouco depois disso, o lápis foi visto escrevendo em plena luz do dia, sem qualquer contato humano. Então as sessões passaram a ser feitas com regularidade; começaram a aparecer luzes e instrumentos que boiavam no ar e eram tocados em cima das cabeças dos circunstantes. A Voz Direta e outras manifestações extraordinárias se seguiram muito numerosas. Atendendo ao pedido das inteligências comunicantes, os irmãos começaram programando os vários lugares onde seriam realizadas sessões públicas. Entre estranhos, insistiam pedidos de testes. A princípio, os rapazes eram segurados por pessoas escolhidas entre os presentes, mas isto foi considerado insatisfatório, porque pensavam que aqueles que os seguravam eram comparsas. Então passaram a amarrá-los com cordas. A leitura da lista das engenhosas maneiras do controle que eram propostas, sem que pudesse haver interferência, mostra como é quase impossível convencer céticos opiniáticos. Desde que um processo de controle dava resultado, outro era proposto. Em 1857, os professores da Universidade de Havard examinaram os rapazes e os seus fenômenos.

Os irmãos Davenport, como quase todos os médiuns, que vieram ao mundo para provar a sobrevivência do Espírito após a desencarnação, também sofreram perseguições, principalmente por parte dos mágicos da época, que pretendiam desmascará-los.

### **José de Arigó**

José Pedro de Freitas, mais conhecido pelo vulgo Arigó, nasceu a 18 de outubro de 1921, na Fazenda Faria, em Congonhas do Campo, e desencarnou em 12 de janeiro de 1971, em desastre de automóvel, quando se dirigia de Congonhas a Belo Horizonte.

Arigó era casado com Dona Arlete Soares, sua prima, de cujo consórcio nasceram seis filhos: José Tarcísio, Haroldo, Eri, Sidney, Leôncio, Antonio e Leonardo José.

Arigó, desde criança, entregou-se ao trabalho rude da enxada, na Fazenda Faria. Fez o curso primário no Grupo Escolar Barão de Congonhas. Foi proprietário de um pequeno bar naquela cidade, desistindo do comércio para trabalhar na picareta, nas minas da Siderúrgica Nacional. Mais tarde, foi nomeado servidor do IAPTC, hoje INSS, onde trabalhou até os últimos dias de sua existência terrena.

Falar sobre as curas realizadas por esse grande médium não é nossa tarefa, pois, tratando do assunto, já foram publicadas várias obras de autoria de escritores nossos conhecidos. Entretanto, como se trata de um dos mais famosos médiuns que surgiram em nosso meio, não podemos deixar de fazer algumas referências sobre sua pessoa, notadamente no que diz respeito ao seu martírio.

Para este relato, valemo-nos da obra intitulada "Arigó, vida, mediunidade e martírio", de autoria do nosso confrade J. Herculano Pires, da qual transcrevemos o seguinte trecho:

"Da primeira condenação, em 1958, ele ficou livre facilmente por ter sido indultado pelo então presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Nesse tempo, Arigó ainda não sabia o que era um indulto e ficou muito satisfeito com a decisão do Presidente da República. Mas, já na segunda condenação, a 18 de novembro de 1964, Arigó tomou conhecimento do significado do indulto e quando lhe propuseram uma campanha nesse sentido ele a recusou, declarando firmemente: 'Não quero ser perdoado de crime que não pratiquei. Quero que a justiça reconheça a minha inocência. Não sou criminoso'. A tese do novo indulto permaneceu insistente, no espírito de muitos amigos de Arigó, mas o médium não arredou o pé da sua posição corajosa".

Logo que o seu advogado, o prof. Jair Leonardo Lopes, livre docente de Direito Penal, da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, contratado pela família do médium, comunicou-lhe a sentença do juiz da Comarca de Congonhas, Dr. Márcio Aristeu Monteiro de Barros, condenando-o a um ano e quatro meses de detenção, Arigó prontificou-se a procurar o Magistrado e entregar-se à prisão. Do sítio de sua tia, em que se encontrava, seguiu diretamente para a presença da autoridade, em mangas de camisa, sem passar pela sua própria casa. Como o Juiz não dispusesse de viatura para conduzir o réu-sem-vítimas à prisão, o próprio Arigó ofereceu o veículo em que viera do sítio para ir à cadeia da vizinha cidade de Conselheiro Lafaiete, onde ficou detido. Verdadeira caravana de automóveis o acompanhou até lá. Era geral o ambiente de consternação em Congonhas. Os irmãos de Arigó, em sinal de pesar, prometeram deixar crescer a barba até que ele fosse libertado, o que realmente fizeram. De maneira que, na libertação posterior do médium, jornais e revistas publicaram curiosas fotografias em que indivíduos barbudos abraçavam Arigó, felizes pela sua volta a Congonhas.

A cadeia de Conselheiro Lafaiete (antiga Queluz), cidade maior que Congonhas e importante entroncamento ferroviário é o que de mais odioso se possa imaginar. Os infelizes que se recolhem àquele presídio perdem os mínimos direitos à condição humana. São trancafiados num xadrez exíguo e imundo e submetidos a regime animalesco. As autoridades, felizmente, compreenderam que não podiam tratar o médium Arigó como um criminoso vulgar. Deram-lhe algumas regalias, como cama, local à parte, direito de tomar banhos quentes e assim por diante. Mas Arigó condeu-se da situação dos demais presos e declarava para todos os que, em número de milhares de pessoas, o visitavam na prisão: 'É uma pena o que fazem com esses meus colegas, gente boa que precisa ser melhor tratada para se corrigir'. Passou a conversar diariamente com os colegas, a interessar-se por todos eles, a distribuir com todos os presentes, frutas e doces que recebia, e pedir para eles a assistência de advogados e o amparo de autoridades que o visitavam. Conseguiu também, com auxílio dos seus parentes e amigos de Congonhas, que a imunda cadeia passasse por uma limpeza e pintura. Pediu que enviassem colchões aos presos e lutou para melhorar as instalações da prisão, com instalação de chuveiro e enceramento constante do piso.



Tudo isso, na verdade, era pouco. Mas era o que ele podia fazer. Verificou, depois, que ocorriam espancamentos e outras humilhações na prisão. Denunciou-os e conseguiu abertura de inquéritos. Certa vez, diante dos fatos absurdos que presenciou, foi tomado de forte emoção e sofreu um enfarte que obrigou a sua remoção para um hospital. Seu sofrimento era intenso. Mas todos os que o visitavam saíam consolados com as suas palavras. 'Tudo o que Deus faz é bom, dizia ele constantemente. Se Deus me permitiu vir para cá era porque eu tinha alguma coisa a fazer. E estou contente. Isto é um paraíso onde posso descansar, livre da trabalhadeira que tenho lá fora e de todos os que querem mandar em mim. Aqui estou livre'. Essas palavras iludiram a muitas pessoas que comodamente chegaram à conclusão de que Arigó estava melhor na prisão do que em Congonhas. Era uma boa desculpa para não se importarem com o caso e não precisarem lutar pela libertação do médium. Outras diziam: 'Médium é assim mesmo, tem de pagar algumas faltas do passado'. Arigó não as desmentia. Aceitava resignado a prisão, e chegou a marcar, na parede da cela, a data do final da sentença iníqua como a única em que seria libertado.

Conselheiro Lafaiete transformou-se num verdadeiro centro de romaria. Caravanas de todo o Brasil dirigiam-se àquela cidade para visitar Arigó na cadeia. Personalidades ilustres, civis e militares, fizeram questão de levar-lhe a sua solidariedade. E os doentes desenganados pela ciência humana continuaram a afluir a Congonhas e de lá se dirigiam a Lafaiete, à procura da mediunidade proibida."

### **Lutas difíceis**

Como se vê, não foram somente os médiuns do século passado que sofreram injusta perseguição. Por incrível que pareça, em pleno século XX as mesmas cenas se repetem. E um inocente, só porque desejava o bem a seus semelhantes, é encarcerado numa prisão imunda por denúncia daqueles que ainda vivem nas trevas da ignorância!

E, assim, concluímos este artigo, no qual falamos sobre alguns médiuns famosos do passado, a fim de que os leitores tenham uma idéia, embora generalizada, a respeito desses abnegados trabalhadores da última hora, que não mediram esforços no sentido de provar, não só a imortalidade da alma, como também de minorar o sofrimento de seus semelhantes.

Devemos esclarecer, ainda, que não foram somente os médiuns enumerados que trabalharam nestes setores, mas muitos outros também se sacrificaram, grandemente, os quais deixamos de citar, porquanto, nosso trabalho, como o próprio título indica, visa tão somente dar ligeira noção sobre o espiritismo, não permitindo, dessa forma, citação de todos os grandes missionários do Cristo, que deram o melhor de seus esforços, não só no campo de mediunidade, como também abrangendo outros aspectos da doutrina espírita.

**Este artigo foi publicado na Revista Cristã de Espiritismo.**

**Escrito por Grupo Espírita Apóstolo Paulo**

**Fim.**